

A LEITURA, A FORMAÇÃO DO LEITOR, A ESCOLA E OUTROS ACHADOS

Eduardo Antonio Jordão¹

O texto que se segue conta uma experiência² de escrever que teve como escopo inquietações envolvendo a leitura e a escrita. Por onde começar a redação de uma síntese de tudo o que foi lido e debatido durante um determinado percurso? O Roland Barthes, em 1970, escreveu *Por onde Começar?*, e se colocou no lugar de um estudante que tem diante de si o desafio de iniciar a análise de uma obra literária. O autor conclui que se deve assumir uma liberdade metodológica, não começando pela análise de um texto, mas, antes, realizar uma primeira leitura, procurar pelos seus temas, conteúdos e simbologias que nele residem. Ao encontrar essas diversas unidades na trama, o estudante é capaz de desfilar os primeiros fios da tarefa analítica, avançando dos pontos familiares para outros que possam surgir. (2004, p. 186)

Depois de ter se dedicado à análise estrutural das narrativas no contexto do estruturalismo francês, Barthes propõe uma nova forma de abordagem com o livro *S/Z* (1979), ao vê-las como *lexias*, isto é, unidades de sentido e funcionamento de um discurso. A seguir, serão apresentadas algumas unidades de sentidos e ideias que organizaram o texto: discussões a respeito da leitura, da escola, da sociedade, das imagens e da política, das memórias de estudante e leitor, em suma, temas que remetem à reflexão sobre a ação de ler e por consequência, de escrever.

Leitura

O que é leitura? Depois de relembrar, de forma bastante rápida e imprecisa o pensamento de autores como Roger Chartier e Paulo Freire, uma passagem do *Livro dos Simulacros*, de Joaquim Brasil Fontes Jr, chama a atenção:

Em latim, *legere* significava primitivamente “colher”: olivas, nozes, pequenos frutos; indicando, entretanto, o gesto da mão que *recolhe*, no sentido de *ajuntar*. A esse, outros sentidos se entreteceram: *ossa legere* é “recolher os ossos de um morto após a incineração” e *legem oram*, “ladear uma margem”. Agora, não são apenas a mão e o olho que constroem o semantismo do verbo; todo o corpo participa dele: “caminhando, recolho os traços que figuram uma orla”. Mas *legere* é também *escolher*, o que talvez já estivesse presente no primitivo verbo, pois o homem, ao colher, recolhe e escolhe: olivas, nozes, pequenos frutos; os traços de um caminho imprevisto. *Ler*, na acepção moderna do termo é, pois, uma metáfora, cujas raízes conhecemos apenas de modo aproximado: ela pode derivar, segundo os especialistas, de expressões como *legere oculis*, “reunir (as letras) com os olhos”. De qualquer maneira, há na palavra ler a presença do olho que anda ao longo da página, colhe signos e recolhe sentidos que vão sendo ajuntados uns aos outros: ler é um verbo “corporal”. (2000, p. 77).

Da lembrança dessas palavras que falam da conquista que foi o ato de ler, houve o ensaio de uma primeira resposta àquela pergunta feita acima: ler é aquilo que se recolhe e se junta,

¹ Doutorando, Unesp / Rio Claro-SP. E-mail: eajordao@gmail.com.

² Experiência aqui entendida conforme Jorge Larrosa: “A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão”. O autor, no entanto, admite as dificuldades e imprecisões do termo, que o considera obscuro, vago e confuso e que, no entanto, é repetidamente usado. (2014, p. 10).

para oferecer algum sentido às experiências, ou, em outras palavras, interpretar o mundo no qual se está lançado. Sentidos que são provisórios, porém, numa provisoriedade que não quer dizer relativismo, mas porque a todo o momento se testam.

Ao oferecer sentidos e possibilidades de interpretação do mundo, a leitura apresenta uma dimensão transformadora, isto é, pode desestabilizar no leitor a ponto de provocar nele deslocamentos. Quando Barthes, em *Aula*, escreve sobre o deslocar-se do autor, numa tentativa constante de lutar contra o poder da língua, ele quer dizer que essa ação é um transportar-se para onde não se é esperado. (1996, p. 27).

Esse deslocamento é um recurso do leitor que, em contato com textos que o confrontam radicalmente, faz suspender seus juízos, sentimentos e pensamentos provisórios e o leva para outro lugar que lhe permite outras visões e leituras de mundo. Conquistar esses outros lugares, avançar para além da decodificação e das relações semânticas mais diretas é o que distingue o possível menino Pinóquio do boneco de madeira, conforme nos apresenta Alberto Menguel em *Como Pinóquio Aprendeu a Ler* (2009). Tornar-se homem, como queria Pinóquio, ou, tornar-se leitor, na metáfora emprega por Menguel ao lançar mão da fábula italiana, não é uma tarefa fácil.

Menguel (2009, p. 91), trata das etapas da leitura, mesmo que não inseridas num contexto de escolarização. Para além de decodificar uma linguagem e estabelecer relações semânticas, a leitura produz algum significado quando suas relações começam a se descolar dos signos e das suas referências semânticas diretas, indo em direção a um universo simbólico, imaginativo e criativo que proporciona outras maneiras de se relacionar com o mundo. Esse outro de tipo de relação com a linguagem a coloca em outro patamar, tornando-a quase que como um novo código, mais pessoal, por ser mediador de relações individuais entre o leitor e o mundo que ele significa e interpreta. Esse outro código também proporciona outras formas de conhecer o mundo e a si mesmo.

A conquista dessa autonomia e independência sempre foram vistas sob suspeita, basta ver o controle imposto à leitura ao longo da história. Na luta entre posse e reconhecimento, como destaca Menguel (2009, pág. 96), entre identidade imposta pelos outros e identidade descoberta por si mesmo, é que se situa o ato de ler: por isso a leitura tem uma dimensão política, na qual se tenta enquadrá-la sob várias formas de controle que vão muito além da aprendizagem do código e do seu emprego na forma oficial.

Formação do leitor

Não deixa de inquietar a discussão e respeito da formação de um tipo de leitor que parece latente nos escritos de Menguel e Barthes. Trata-se de um leitor que percebe as camadas, estabelece interrelações, interliga conceitos e ideias presentes em outros autores e em diferentes expressões culturais que dialogam com os textos. Há escritas que carregam consigo uma densidade: quanto mais se escava, mais camadas que se entrecruzam se encontra.

A realidade de nossas escolas, a estreiteza das políticas voltadas à educação e incentivo à leitura apresentam um cenário amplamente desfavorável, ao passo que ainda há uma aposta bastante forte na possibilidade das escolas serem esses locais de formação do leitor. Deve-se questionar ainda se a escola é o local exclusivo para tal fim.

Pode-se ainda perguntar qual o apelo que a leitura apresenta às atuais gerações, ou no que ela é capaz de seduzir. Deve-se considerar que, se há leituras que seduzem, quais são elas ou quais são os públicos que se deixam seduzir. Outra questão é o impacto das mídias e redes sociais frente ao aprendizado da leitura e da escrita em suas normas oficiais. Em suma, o que se procura é que significado dos livros e do ato de ler para uma criança ou jovem brasileiro que frequenta uma escola hoje em dia.

Ler e escrever foram atividades disputadas política e ideologicamente ao longo dos tempos, sob formas de controle que ora limitavam, ora incentivavam tais práticas (mesmo que nesse incentivo estivesse contido alguma forma de controle, como um uso oficial da língua, uma interpretação oficial dos textos usados por uma determinada cultura, controle sobre a publicação e circulação de grupos, controle sobre os níveis de leitura que podem ser ensinados).

Uma leitura que produza autonomia e independência quanto às formas de ler os textos e o mundo parece não ser tarefa exclusiva da escola. Há fatores que interferem nessa relação entre o homem e a leitura: o aprendizado do código, as relações sociais que apontam para uma diversidade de visões de mundo, relações com os objetos da cultura que favorecem a construção dessas relações de autonomia e independência, a sensibilidade de cada um frente ao ato de ler e as escolhas valorativas que cada um faz. A escola, como instituição social e política, recebe em sua arena essa diversidade de desejos e conflitos.

Nesse contexto diverso, muitas vezes a problemática do ensino da língua e da formação de leitores recai sob o âmbito pedagógico: projetos mais adequados ou não, escolha de metodologias ‘certas’ ou ‘erradas’ (como se a produção do fracasso estivesse direta e unicamente ligada ao erro metodológico), alunos e professores que se envolvem ou não, que são comprometidos ou não, e esse dualidade pouco esclarecedora pode não ter fim. É evidente que a pedagogia também envolve a didática, a metodologia, as escolhas mais apropriadas para um dado contexto, mas o que dificulta esse debate é quando ele mais se aproxima com a moral e se distancia da sua dimensão política. No campo da moral pode se falar em certo em errado, no campo da ética e da política, e, portanto, da educação, deve-se assumir a responsabilidade das escolhas.

* * *

Leitura do texto *Experiência e Pobreza*, Walter Benjamin. Leitura do texto *O espectador comum: a imagem como narrativa*, de Alberto Menguel.

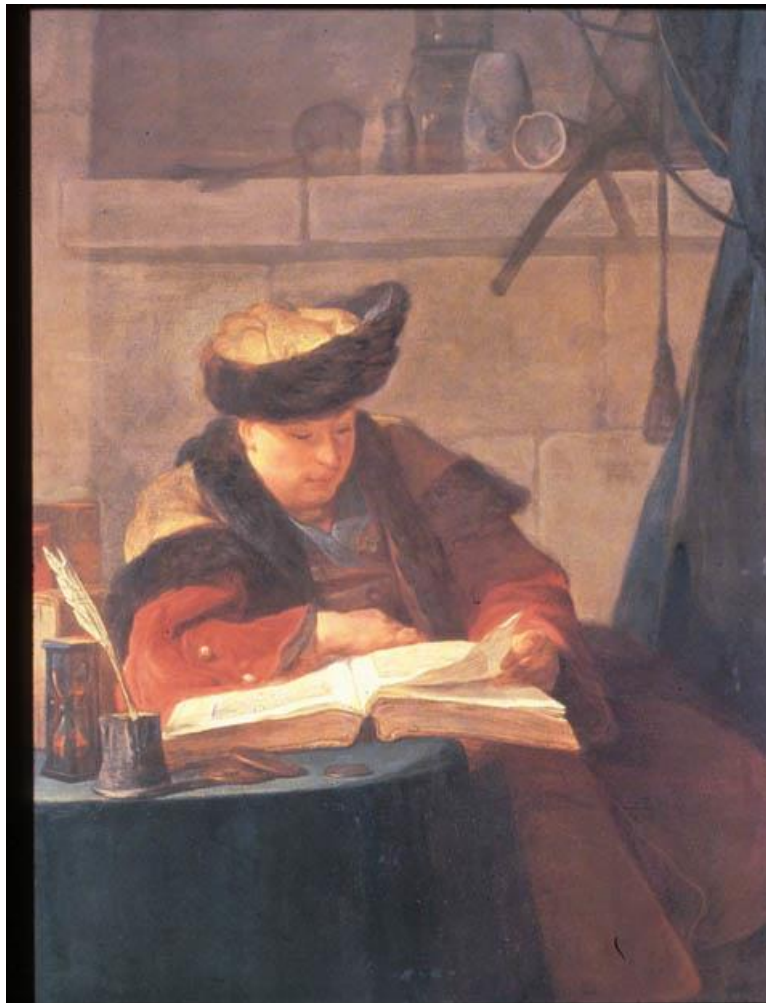
_ *Vocês conhecem o quadro de Van Gogh, Barcos na praia de Saints Maries?*

Silêncio!

_ *Vocês viram o quadro de Ensor ou Paul Klee citados por Benjamin?*

Silêncio! E por aí foi diante das outras referências e perguntas.

É preciso ir aos porões, revisitar as filosofias da alcova, repassar as histórias a contra pelo, seguir os rastros, os vestígios, os sinais... Que tipo de leitor boa parte dos estudantes de pós-graduação, escritores de artigos e teses, têm demonstrado ser? Se não se consegue ir às fontes diretas do texto, o que dirá daquelas que precisam ser interpretadas, ou daquelas que apenas serão desveladas submergindo no universo que permeia o autor e o seu texto...



Filósofo ocupado a ler. De: Jean-Baptiste-Simeon Chardin, 1734.

Eis uma imagem do leitor, segundo Fontes Jr, em seu *Livro dos Simulacros*, citando Georges Steiner:

Ninguém, a não ser Chardin em seu quadro *Um filósofo ocupado a ler*, pintou melhor este ato: o filósofo envergou sua roupa de cerimônia, pois a leitura é um ato de cortesia em relação ao texto, um contato com o autor e suas palavras; ele cercou-se de dicionários e de outros volumes, pois as palavras chegam até ele carregadas de história em potência; preparou a sua pena, pois a leitura é uma resposta ao texto, graças às anotações marginais, às notas, às citações destacadas. No silêncio de seu escritório, ele vai decorar muitas passagens, nas quais, tornando-se por sua vez escritor, vai depositar sua confiança, como os grandes escritores do Ocidente, que nunca deixaram de retomar alguns temas únicos e singulares – tais como as duas cenas, de Cristo e de Sócrates – impondo a literatura como rede de ressonâncias. O que restará, no mundo de amanhã, dessas paixões que colocaram a Europa no parapeito do mundo? O que restará dessas leituras bem feitas, para retomar a fórmula de Péguy, dessas leituras que vinham realmente concluir, realizar as grandes obras dos grandes mestres e nos impunham, a nós, leitores, uma ‘terrível responsabilidade’? (2000, p. 13. Grifos do autor).

Essa descrição fez lembrar Agostinho de Hipona, no livro VI das *Confissões*, quando contempla a leitura silenciosa realizada por Ambrósio de Milão:

No pouquíssimo tempo em que não estava com eles, Ambrósio refazia o corpo com o alimento necessário, ou o espírito com a leitura. Mas, quando lia, os olhos divagavam pelas páginas e o coração penetrava-lhes o sentido, enquanto a voz e a língua descansavam. Nas muitas vezes em que me achei presente – porque a ninguém era proibida a entrada, nem havia o costume de lhe anunciarem quem vinha –, sempre o via ler em silêncio e nunca de outro modo. Assustava-me e permanecia em longo silêncio – quem é que ousaria interrompê-lo no seu trabalho tão aplicado? – afastando-me finalmente. Imaginava que, nesse curto espaço de tempo, em que, livre do balbucio dos cuidados alheios, se entregava a aliviar a sua inteligência, não se queria ocupar de mais nada. Lia em silêncio, para se precaver, talvez, contra a eventualidade de lhe ser necessário explicar a qualquer discípulo, suspenso e atento, alguma passagem que se oferecesse mais obscura no livro que lia. Vinha assim a gastar mais tempo neste trabalho e a ler menos tratados do que desejaria. Ainda que a razão mais provável de ler em silêncio poderia ser para conservar a voz, que facilmente lhe enrouquecia. Mas, fosse qual fosse a intenção com que o fazia, só o podia ser boa, como feita por tal homem. (1973, p. 111).

A admiração de Agostinho se deve a uma prática que ainda não era predominante: o silêncio frente ao texto. Devido à retórica e às práticas de memorização do texto, bem com a necessidade de se trabalhar a entonação do discurso, as leituras eram realizadas através dos olhos e pela voz.

Das escritas cravadas nas rochas, passando pelas placas de argila, pelos pergaminhos e papiros, pelos códices medievais; da invenção da imprensa à circulação em massa dos livros e demais impressos; vimos também a invenção do livro digital e dos meios que lhe dão suporte, que inauguram uma nova forma de se relacionar com a materialidade da escrita, carregada de hipertextos e buscas por referências quase que instantâneas, necessitando apenas do deslizar dos dedos.

Com as duas passagens selecionadas acima, não se pretende defender um determinado tipo de leitura que concede ao texto e ao seu autor demasiada reverência, como que curvando-se diante de sua autoridade. Os excertos revelam o apreço pelas leituras profundas, perturbadas apenas pelas ideias que movimentam o pensamento, que necessitam de condições para que aconteçam. O ruído moderno, a velocidade das informações, a alimentação rápida de mensagens com pouco tempo para reflexão favoreceriam leituras rasas e a multiplicação de lugares comuns?

Considerações finais

Pode-se concluir, com Roland Barthes e Antoine Compagnon, que a leitura, por ter um significado demasiadamente amplo, não pode ser resumida a um conceito. O ponto de partida que talvez permita que se discorra com mais propriedade e concretude sobre o tema seja a ideia de práticas difusas que se estabelecem com a escrita. Tal procedimento não quer dizer uma somatória dessas práticas, mas remete a um abandono de um método prévio para “avançar a golpe de vista, instantâneo: abrir entradas, ocupá-la por meio de sondagens sucessivas e diversas, segurar muitos fios ao mesmo tempo – que, entrelaçados, tecem a trama da leitura”. (1987, p. 184).

As práticas de leitura, constituídas histórica e socialmente, envolvem codificações, técnicas, um ritual de gestualidade dos olhos, da voz e dos corpos, um método, uma noção de sabedoria, prazer ou obrigação. Muitas vezes essas práticas evocam escritas, que permitem dialogar, lembrar ou anotar aquilo que foi lido, seja como método de estudo, seja para

qualquer outro uso diverso. Ler é também uma operação do pensamento, que envolve aprendizado da língua e tudo aquilo que ela movimenta em nosso interior. Ler é um fenômeno humano, cravado em nossa história, servindo como registro, difusão de cultura, expressão de ideais valorativos, servindo também a um amplo mercado editorial.

A noção de leitura como um conjunto de práticas apresenta, potencialmente, pistas para se pensar as práticas escolares, visto que essa tem sido um debate praticamente inerente quando se trata do assunto. Ideias para além de preocupações metodológicas que envolvem o certo e o errado, ou a culpabilização dos interesses dos alunos ou da colaboração – ou falta dela – por parte das famílias, ou do sistema que conspira contra a formação de leitores. As escolas podem se organizar para pensar o ensino em torno das práticas sociais e deixar elucidada suas escolhas para a comunidade escolar como um todo.

Enfim, as escolas também podem se colocar as questões apresentadas por Benjamim em *Experiência e Pobreza* (1994). As experiências se tornam rasas ou carentes de profundidade quando ditadas por uma modernidade que reproduz cultura massificada em velocidades cada vez maiores. Qual o tipo de liberdade, experiência e cultura que se aspira e devora hoje em dia? Não se transmite experiência e conhecimento se não houver apropriação de um patrimônio que vincule o homem à si mesmo e à própria vida. Que novas e velhas formas de ler possa se encontrar e, parafraseando Benjamim, que surjam homens solidários que façam desse novo uma coisa essencialmente sua, com lucidez e renúncia, sobrevivendo a essa cultura avassaladora através dos seus edifícios, textos, quadros e narrativas, com um toque de bárbaro nisso tudo que se acostumou a chamar de civilização; que esses homens possam aos poucos dar um toque de humanidade a essa massa que parece entregue e prostrada. (1994, p. 119).

Referências

AGOSTINHO DE HIPONA, Santo. **Confissões**. São Paulo: Abril, 1973.

BARTHES, R. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. São Paulo: Cutrix, 1996.

_____. Por onde começar? In: **O grau zero da escrita**: seguido de novos ensaios críticos. São Paulo. Martins Fontes, 2004.

BARTHES, R.; COMPAGNON, A. **Enciclopédia Einaudi**. v. 11: Oral / Escrita, Argumentação. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: **Obras Escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FONTES JR., J. B. **O livro dos simulacros**. Florianópolis-SC: Clavicórdio, 2000.

LARROSA, J. **Tremores**: escrito sobre experiência. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2014.

MENGUEL, A. Como Pinochio aprendeu a ler. In: **À mesa com o Chapeleiro Louco**: ensaios sobre corvos e escrivainhas. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

_____. O expectador comum: a imagem como narrativa. In: _____. **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.